



Psicologia USP

ISSN: 0103-6564

revpsico@usp.br

Instituto de Psicologia

Brasil

Padovan, Caio; Darriba, Vinicius  
A noção de psicanálise aplicada nos primeiros anos do movimento psicanalítico  
Psicologia USP, vol. 27, núm. 1, 2016, pp. 104-114  
Instituto de Psicologia  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305145376014>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A noção de psicanálise aplicada nos primeiros anos do movimento psicanalítico

Caio Padovan<sup>a\*</sup>  
Vinicius Darriba<sup>b</sup>

<sup>a</sup>Université Paris 7. Paris, França

<sup>b</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia,  
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Resumo:** Levando em conta a inserção da psicanálise no contexto científico da segunda metade do século XIX, o objetivo deste artigo será discutir a noção de psicanálise aplicada sustentada por Freud e seus pares nos primeiros anos do movimento psicanalítico. Para tal serão consultados trabalhos considerados pelo movimento como *aplicados*, assim como algumas contribuições de caráter metodológico, todos publicados durante este período inicial da história da psicanálise. Cabe ressaltar que, neste artigo, será priorizado o estudo das fontes primárias ligadas ao debate em questão.

**Palavras-chave:** psicanálise aplicada, método psicanalítico, história da psicanálise.

### Introdução

No campo das ciências naturais, a distinção entre um saber dito *puro*, por vezes também chamado de conhecimento *básico* ou *fundamental*, e outro dito *aplicado* não pode ser considerada um detalhe, um capricho. Em primeiro lugar porque não se trata de uma distinção recente na história destas ciências. Em segundo, pelo fato de se tratar de uma distinção que parece orientar todo o ideal moderno de ciência, de acordo com o qual é preciso antes conhecer a natureza, para poder então prevê-la, controlá-la e agir sobre ela.

Nesse sentido, como argumenta Koyré (1943/1986), o cientista moderno representa um salto em relação ao *homo faber* que, embora fosse capaz de exercer controle sobre a natureza, limitava o seu agir pela técnica. Nesses termos, o cientista moderno – personagem que passaria a se identificar com figuras como as de Galileu e Descartes – surge como um teórico, um sujeito mais próximo da filosofia do que dos ofícios, sujeito comprometido com a construção de modelos distantes até certo ponto da experiência cotidiana:

A ciência destes [de Galileu e Descartes] não é de engenheiros ou artesãos, mas de homens cuja obra raramente ultrapassou a ordem da teoria. . . . Galileu não aprendeu o seu ofício com aqueles que se atarefavam nos arsenais e estaleiros navais de Veneza. Muito pelo contrário: ensinou-lhes o dele (pp. 12-13).

O que expõe Koyré na primeira metade do século XX já se mostrava presente na obra dos grandes arauto

da ciência, como Francis Bacon, D'Alembert e Augusto Comte. À sua maneira, cada um destes autores já havia estabelecido uma distinção clara entre os ramos *teórico* e *prático*, paralelo do que aqui denominamos *puro* e *aplicado*. Comte, por exemplo, baseando-se em seus antecessores, dirá que todas as realizações humanas são “ou de especulação ou de ação”, o que daria base ao âmbito mais geral de sua classificação do conhecimento. Tal classificação incluiria, por um lado, o saber teórico considerado mais fundamental e, por outro, o saber prático, necessariamente derivado daquele primeiro (Comte, 1830/1936, p. 55).

No caso particular da medicina científica, que tem na obra do médico francês Claude Bernard (1813-1878) um dos seus principais representantes, podemos observar o mesmo movimento que buscava opor estes saberes de ordens distintas. Como aponta Bernard em sua obra mais conhecida, *Introdução ao estudo da medicina experimental* (1865/1966), é Eugène Chevreul o seu autor de referência em tudo que concerne à “filosofia da ciência experimental” (p. 12). Com base na obra de Chevreul, figura importante no cenário científico francês do século XIX e responsável pela introdução da nomenclatura *puro* e *aplicado*, Bernard assumiria a distinção entre conhecimento teórico e aplicado. O primeiro deles seria alcançado pelo estudo experimental do homem, sendo o segundo o seu desdobramento prático; neste caso, aquele que orientaria o médico em sua prática clínica cotidiana. A propósito dessa nomenclatura, segue a citação de Chevreul (1866):

As ciências médicas [entendidas como *ciências naturais aplicadas*] cujo objetivo é curar as doenças não têm . . . qualquer característica essencial, pois elas tomam de empréstimo, para atender este objetivo, a totalidade dos conhecimentos que concernem às *ciências naturais puras* e às ciências

\* Endereço para correspondência: caiopadovanss@gmail.com

matemáticas. . . é impossível não admitir que o conhecimento dos defeitos estruturais dos órgãos humanos e as doenças fazem parte integrante da anatomia e fisiologia, isto é, do domínio da ciência pura. (p. 269, grifo e tradução nossos)

Oriundo do campo médico, o movimento psicanalítico da primeira década do século XX adotou essa mesma terminologia, que, por sua vez, carregara consigo essa mesma carga semântica estabelecida em diferentes domínios pelos fundadores da ciência moderna. Não por acaso, Freud e seus colaboradores, certos do pertencimento da recente ciência psicanalítica ao campo das ciências naturais, nele enquadrariam a pesquisa e a prática da psicanálise. Nesses termos, seriam então definidas na ata de fundação da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) as duas vicissitudes dessa nova ciência, entendida como: “psicologia pura” e “em sua aplicação à medicina e às humanidades” (Ferenczi & Jung, citado por McGuire, 1974/1976, p. 641).

Sendo o objetivo deste artigo discutir, com relação à inserção da psicanálise no campo da ciência, o lugar da psicanálise *aplicada*, e levando em conta as particularidades que acompanham tal inserção, a questão que nos ocupará será a seguinte: em que sentido a/uma psicanálise pode ser concebida como uma disciplina ou uma prática aplicada? Ou, simplesmente, o que vem a significar *aplicação* em psicanálise? Restringiremos a discussão, aqui, ao exame da apropriação das categorias de *puro* e *aplicado* nos primeiros anos do movimento psicanalítico, privilegiando o que diz respeito à noção de aplicação e focando em publicações realizadas nas duas primeiras décadas do século XX. Com base nisso, buscaremos situar o sentido que vem a assumir a relação entre o puro e o aplicado na experiência analítica.

Por fim, cabe lembrar que este trabalho é um estudo de história da psicanálise. Nele privilegiaremos a apresentação de um problema, o da aplicação da psicanálise, restringindo assim uma possível abordagem crítica dirigida a ele.

## O puro e as suas aplicações em psicanálise

Em 1910, em meio ao segundo Congresso Psicanalítico realizado em Nuremberg, Sándor Ferenczi sugere a criação de uma Associação Internacional de Psicanálise, cujo objetivo, conforme seu estatuto, inclui a delimitação que indicamos anteriormente:

O cultivo e a promoção da ciência psicanalítica tal como iniciada por Freud, tanto em sua forma como *pura psicologia* quanto em sua *aplicação à medicina e às humanidades*; assistência mútua entre membros em seus esforços para adquirir e fomentar o conhecimento psicanalítico (Ferenczi & Jung, citado por McGuire, 1974/1976, p. 641, grifo nosso).

Após um discurso proferido a respeito da história do movimento psicanalítico e da necessidade de uma maior

união entre os pesquisadores em psicanálise (Ferenczi, 1910/2011d), o Congresso aceita a sua proposta, dando assim origem à Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Outro sucedâneo deste congresso seria a *Revista central de psicanálise* [Zentralblatt für Psychoanalyse], editada pelo psicanalista vienense Wilhelm Stekel e dirigida por Freud. Na época, já circulavam dois periódicos nos meios psicanalíticos, o *Anuário de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas* [Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen], fundado em 1909 por ocasião do primeiro Congresso Psicanalítico, e os *Escritos de psicologia aplicada* [Schriften zur angewandten Seelenkunde], que tiveram o seu primeiro volume publicado em 1907<sup>1</sup>. Os dois primeiros priorizariam as pesquisas de cunho teórico e técnico em psicanálise, enquanto o segundo, junto com a revista *Imago*, fundada em 1912 e editada por Otto Rank e Hans Sachs, seria destinado à aplicação da psicanálise àquilo que nos objetivos da IPA seria chamado de humanidades [Geisteswissenschaften]. Cabe ressaltar que a revista *Imago* tinha como subtítulo a seguinte definição: *Revista voltada para a aplicação da psicanálise às humanidades*.

No *Anuário* apareceriam trabalhos importantes como: o caso Hans e o Homem dos Ratos, publicados por Freud (1909/1996e, 1909/1996f); “Transferência e introjeção”, por Ferenczi (1909/2011c); e as investigações de Alphonse Maeder (1910) sobre a demência precoce, as quais seriam retomadas por Freud no caso Schreber (1911/1996g). Tratam-se aqui, portanto, de trabalhos que, em sua maioria, poderiam ser entendidos como contribuições à psicanálise enquanto *psicologia pura*. Vale observar que a nota editorial que acompanha o primeiro volume da revista, escrita por Jung sob a orientação de Freud, já sugere uma distinção entre o “desenvolvimento de uma psicologia” e de “sua aplicação às doenças nervosas e mentais” (Jung, 1909/1970, citado por McGuire, 1974/1976, pp. 253-234). Quanto à *Revista Central*, tal periódico, como consta em sua “Apresentação ao leitor” (Stekel, 1911/1964a), estaria voltado à publicação de trabalhos mais breves, incluindo contribuições técnicas e comentários mais gerais de caráter introdutório. Freud (1910/1989c), por exemplo, publicaria nessa revista as “Perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica”, Stekel (1911/1964b) escreveria sobre “O tratamento psíquico da epilepsia” e Isidor Sadger (1911/1964), psicanalista vienense, publicaria “Seria a asma bronquial uma neurose sexual?”

Embora a *Revista* não se limitasse apenas a este tipo de contribuição, todos esses trabalhos poderiam ser pensados como aplicações da psicanálise à medicina, levando em conta que ainda não se apresentava ocasião de demarcar a extraterritorialidade da clínica psicanalítica com relação à medicina. Por outro lado, as publicações que tiveram lugar nos *Escritos de psicologia aplicada* e

1 Em rigor, essa publicação de frequência anual, e que se estenderia até 1925, não poderia ser classificada enquanto periódico, assim como seria o caso do *Anuário*. Uma tradução do prospecto dessa coleção se encontra publicada nas obras completas de Freud (1907/1996b).

na *Imago* se centrariam na aplicação da psicanálise aos domínios da literatura, da mitologia, da filologia etc., em trabalhos que nem sempre eram escritos por psicanalistas. Nesses periódicos foram publicados textos como: “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” e “Totem e Tabu”, por Freud (1907/1996c, 1913/1996i), “Sonho e mito”, por Karl Abraham (1909/2000a) e “O problema de Hamlet e o complexo de Édipo”, por Ernest Jones (1911).

Feito este panorama, concentremo-nos naqueles trabalhos que o movimento psicanalítico passou a chamar de aplicados, seja à medicina, seja às humanidades, a fim de melhor compreender as distinções e as particularidades aí envolvidas.

## A psicanálise aplicada à medicina

Ao nos voltarmos para os textos de psicanálise aplicada à medicina, como delimitado no estatuto da IPA, esbarramos, por um lado, em questões ligadas à técnica e, por outro, na possível aplicação da teoria psicanalítica à prática médica. Quando Freud (1895/1996a) propõe a associação livre como uma técnica de alcance mais amplo que o inquérito sob hipnose, ou quando Ferenczi (1919/2011e) propõe a técnica ativa lado a lado com a escuta psicanalítica tradicional, é difícil saber em que medida houve ou não aplicação de uma teoria pré-concebida à experiência. Levando em conta esses exemplos, talvez possamos dizer que uma inovação técnica não depende necessariamente da existência de um modelo teórico bem definido que lhe anteceda. Inovações como estas podem ser pensadas como estratégias clínicas criadas a partir da própria experiência, sem o aporte de um referencial teórico preestabelecido. Freud (1904/1989a), nesses termos, *nota* que pode alcançar melhores resultados ao deixar seus pacientes associarem livremente, “mais ou menos como se faz numa conversa a esmo, passando de um assunto a outro” (pp. 234-235). Diante desse fato, a “ampliação da consciência” (p. 234) possibilitada pela hipnose, é então substituída pelas “associações dos enfermos” (p. 234) e pelo trabalho analítico a elas dirigido. A partir desse momento, dada a sua maior eficácia, aquilo que até então era uma simples aposta passa a ganhar o estatuto de técnica.

Mas o que definiria a eficácia aqui? No que concerne à introdução da associação livre como *regra fundamental*, podemos pensar no número de pacientes que a partir do uso dessa técnica tornaram-se acessíveis à análise, pacientes que por sua vez não eram facilmente – ou de modo algum – hipnotizáveis. Dirigindo nossa atenção ao uso médico de métodos de tratamento hipnótico-sugestivos nas últimas décadas do século XIX, é possível concluir que, de fato, tal procedimento não era efetivo em toda sorte de pacientes e que a introdução de uma técnica como a da livre associação teria aparecido como uma verdadeira inovação. Pitres e Regis (1897), por exemplo, em um trabalho de síntese que visa discutir e reunir tudo o que já havia sido problematizado a respeito da clínica das obsessões, concluem que os métodos de sugestão hipnótica não funcionavam

nesses pacientes e que era realmente necessário aliá-los a outros para que algum resultado pudesse ser alcançado (pp. 101-102).

Como propõe Ferenczi (1919/2011e, pp. 2-3), e como também diria Freud (1919/1996n, p. 175), a introdução da técnica ativa pode ser pensada nos mesmos termos, isto é, como uma inovação técnica capaz de melhor instrumentalizar o analista em sua prática. Nesse caso, ao deslocar a abstinência do analista para o paciente, a eficácia dessa técnica era demonstrada pelos efeitos da posição ativa sobre transferência, barrando a repetição de uma satisfação velada e favorecendo a recordação do material inconsciente.

Este tipo de aprendizado, pela experiência, parece ser o mesmo que vem a ser exposto no conjunto de artigos sobre a técnica, publicado pelo psicanalista vienense entre 1911 e 1914 e que, de forma alguma, constitui um manual técnico no senso próprio do termo. Nem tudo que vem a ser recomendado por Freud nesses breves trabalhos aparenta possuir um correlato metapsicológico ou teórico preciso. Trata-se, por assim dizer, de um conhecimento apreendido *empiricamente*, ou seja, a partir da lida cotidiana com a clínica das neuroses e psicoses, o que não impede que ele possua uma série de pressupostos implícitos.

Atentando talvez a isso, o psicanalista francês Jacques Lacan (1952/2007, p. 12) chegou a comparar a prática psicanalítica às “artes liberais na idade média”, disciplinas que, embora carentes de um rigor científico ainda inexistente, eram capazes de demonstrar uma significativa eficácia prática. Assumindo esse ponto de vista, a psicanálise enquanto técnica poderia ser comparada, a exemplo do que expõe Koyré, ao ofício dos “estaleiros navais de Veneza” citados no início do artigo e, nesse sentido, a uma prática mais própria do *homo faber*.

Em contrapartida, há momentos em que a aplicação da teoria à prática é feita de modo explícito e direto. Um exemplo interessante dessa aplicação coincide com a própria expansão da psicanálise para fora da Áustria, quando a teoria e o método freudianos começaram a ser aplicados por alguns médicos suíços à clínica das psicoses. Foi por iniciativa de Eugen Bleuler que a psicanálise passou a ser estudada pela equipe da clínica psiquiátrica do Burghölzli, a partir de 1903, composta por clínicos que futuramente ocupariam uma posição de destaque no movimento psicanalítico, como Carl G. Jung, Karl Abraham, Max Eitingon, Alphonse Maeder, Ludwig Binswanger etc.

Em primeiro lugar, observamos a clara influência e mesmo aplicação das teorias de Freud no estudo experimental das associações<sup>2</sup>, o qual daria origem à noção de *complexo* que logo seria absorvida pela psicanálise. Essa tentativa de aplicação, agora dirigida ao contexto das psicoses, constaria igualmente em uma importante publicação

2 A escola de Zurique publicou uma série de artigos sobre os fenômenos de associação, os quais foram reunidos nos dois volumes dos *Estudos de diagnóstico de associação* publicados em 1906 e 1907. Dentre eles vale destacar: “Psicanálise e o experimento de associações” (Jung, 1906), o qual é recebido por Freud com entusiasmo. Carta de Freud a Jung em 11 de abril de 1906 (citado por McGuire, 1974/1976, p. 43).

de Jung datada de 1907: *A psicologia da demência precoce* (1907/1986). Nesse trabalho seminal levado a cabo pelo psiquiatra suíço, as generalizações alcançadas por Freud com base na clínica da histeria e da neurose obsessiva, assim como as hipóteses psicogênicas associadas à noção de defesa, foram em grande medida aplicadas aos casos de demência precoce estudados no Burghölzli. Tal obra deu início a uma intensa reflexão sobre a psicose desde um ponto de vista psicanalítico, a qual resultaria no trabalho de 1914, responsável pela introdução do “narcisismo” como conceito teórico (Freud, 1914/1996k).

Ainda em relação a esse mesmo tipo de aplicação, podemos lembrar os comentários de Freud a respeito do impacto da psicanálise sobre uma disciplina como a biologia, campo este que, segundo ele, certamente se beneficiaria do conhecimento extraído da análise de pacientes neuróticos (Freud, 1913/1996j, pp. 183-4). De acordo com o psicanalista, a descoberta de pulsões sexuais capazes de subverter os imperativos da autoconservação não poderia passar despercebida pelos biólogos. Nesse sentido, a teoria da sexualidade, articulada ao conceito de libido, poderia ser aplicada à biologia e, portanto, à medicina. De forma semelhante, ao reagir ao problema do ensino da psicanálise nas universidades, Freud argumenta que o saber psicanalítico poderia contribuir para a formação do médico na medida em que seria capaz de adverti-lo em relação à influência dos “fatores mentais” sobre as “diferentes funções vitais, bem como nas doenças e no seu tratamento” (Freud, 1919/1996o, p. 187).

Exemplos práticos dessas contribuições podem ser vistos em trabalhos já citados, como o de Maeder sobre a epilepsia e o de Sadger sobre a asma. Também poderíamos citar aqui Ferenczi (1908/2011a, 1908/2011b), que aplica as hipóteses freudianas à ejaculação precoce e à impotência sexual, buscando para esses sintomas uma explicação psicológica, e Abraham (1909/2000b), que estuda o fenômeno dos casamentos consanguíneos a partir da psicologia das neuroses.

Posto isso, notamos que sob o título de *aplicação da psicanálise à medicina* é possível pensar em pelo menos duas dimensões de aplicação, a da técnica enquanto aplicação da psicanálise e a da aplicação propriamente dita da teoria à prática. Trata-se aqui de uma distinção importante, pois nos alerta sobre a existência de dois diferentes movimentos que, por acaso, se reúnem sob a mesma designação de *aplicação*. A primeira delas diz respeito ao exercício da psicanálise em si mesmo, marcado pelo uso de uma técnica. A segunda refere-se à aplicação de um conhecimento extraído desse exercício a situações que em princípio poderiam ser pensadas como estrangeiras a psicanálise, como fora o caso da clínica das psicoses na primeira década do século XX.

## A psicanálise aplicada às humanidades

“Humanidades” é a expressão escolhida por nós para traduzir o termo alemão *Geisteswissenschaften*. Tal expressão teve origem no pensamento do filósofo Wilhelm Dilthey (1833-1911) e possui uma longa história no interior

da filosofia da ciência alemã. O mesmo termo pode ser igualmente traduzido por *ciências humanas* ou *ciências do espírito*, como veio a ser na literatura filosófica e científica de língua portuguesa. Levando em conta as finalidades deste artigo, não será o caso entrar neste debate, bastando a nós definir o “campo das humanidades” [*Geistesgebiete*] como aquele que, segundo o prospecto da revista *Imago*, compreende: “estética, literatura e história da arte, mitologia, filologia, pedagogia, folclore, criminalística, teoria moral e ciência da religião” (Rank & Sachs, 1912a, paginação irregular, tradução nossa).

Como nos mostra Freud em *A história do movimento psicanalítico* (1914/1996l, pp. 44-5), o “exame analítico de pessoas neuróticas e os sintomas neuróticos de pessoas normais” levaram logo a supor a existência de “condições psicológicas que haveriam de ultrapassar a área do conhecimento na qual tinham sido descobertas”, isto é, ultrapassar as suas aplicações médicas. Freud atribui esse impulso à expansão das fronteiras da psicanálise aos seus próprios trabalhos iniciais. Nesses termos, cita o livro dos *Chistes*, publicado em 1905, como o primeiro exemplo de uma “aplicação da modalidade analítica de pensamento aos problemas da estética” (Freud, 1914/1996l, p. 46). Dois anos mais tarde, no comentário dirigido a uma obra literária, o *Gradiva* de Jensen, Freud afirmará que as “leis” descobertas a partir do estudo dos sonhos poderiam ser também usadas para se compreender a “natureza da criação literária” (Freud, 1907/1996c, pp. 20-21). A mesma referência a “leis” [*Gesetzen*], responsáveis por “reger as atividades normais e patológicas” da vida mental do homem, encontra-se no trabalho publicado em 1910, sobre Leonardo da Vinci (Freud, 1910/1989b, p. 59). Em ambos os casos, como nos parece evidente, o que está em jogo é justamente a concepção clássica de aplicação, onde um saber “puro” vem a ser “aplicado” em um contexto outro daquele em que foi desenvolvido.

Algo dessa ordem, porém, não poderia ser feito de qualquer jeito, o que Freud defenderá ao longo da sua obra: “Mas teríamos de ser muito cautelosos e não esquecer que, em suma, estamos lidando apenas com analogias e que é perigoso, não somente para os homens mas também para os conceitos, arrancá-los da esfera em que se originaram e se desenvolveram” (Freud, 1930/1996p, p. 146). Quanto a isso, um grande debate a respeito dos critérios envolvidos na aplicação da psicanálise já tinha lugar na Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, grupo formado por Freud, em 1902, com seus primeiros colaboradores vienenses.

Em 1906, nas sessões de 10, 17 e 24 de outubro dedicadas à psicanálise aplicada, Otto Rank propôs uma interpretação psicanalítica de uma série de casos de incesto colhidos da literatura (citado por Nuremberg & Federn, 1962/1976, pp. 31-56). Tal manuscrito “O drama do incesto e suas complicações” foi muito criticado pelo caráter exagerado e por vezes impreciso das interpretações propostas, abrindo assim uma discussão sobre o problema da aplicação da psicanálise às humanidades. Adolf Häutler, por exemplo, criticou a pertinência da transposição indiscriminada

de conceitos oriundos do campo individual para o campo coletivo. Häutler criticou também a tese segundo a qual a obra de um autor possuiria necessariamente relação com a sua vida pessoal. Alfred Adler, por sua vez, elogiou a iniciativa de Rank, muito embora afirme que as interpretações tenham ido longe demais em alguns pontos; excesso que Alfred Meisl chega a considerar um perigo para a reputação da psicanálise. Freud julgaria boas algumas das interpretações de Rank, acrescentando, a despeito da opinião de Häutler, que, no caso da aplicação da psicanálise a obras literárias, cabe ao pesquisador explorar as relações entre a escolha de um tema e a vida pessoal do escritor.

Como podemos notar com base nesse episódio, o problema da aplicação da psicanálise às humanidades era delicado e o seu exercício exigia certa prudência. Qual seria a forma mais adequada de aplicar os conceitos em um contexto extraclínico? Como avaliar os limites de uma interpretação fora da relação transferencial? As realizações artísticas seriam elas também interpretáveis em termos de sua determinação inconsciente? Tais questões não pareciam encontrar resposta fácil nessa época.

Em meio a essa atmosfera de dúvidas, observamos o aparecimento do ensaio de Freud sobre o romance *Gradiva: uma fantasia pompeana*, escrito por Wilhelm Jensen (1904/1987). Trata-se de um ensaio extremamente claro, cuidadoso e moderado no que diz respeito à aplicação dos conceitos. Em primeiro lugar, diferentemente de Rank, opta pelo estudo de apenas uma obra, limitando sua análise tão somente às informações contidas no texto, razão pela qual não chega a construir hipóteses sobre as possíveis motivações inconscientes do autor. Freud também não se compromete com a realidade das suas afirmações, restringindo sua análise a um paralelo entre as manifestações inconscientes de um personagem e as mesmas formações observáveis em sujeitos neuróticos de carne e osso. Em uma carta endereçada a Jung em 26 de maio de 1907, chegaria então a comentar: “nada do que ele diz é verdade, mas acredito que nos habilite a desfrutar de nossas riquezas” (citado por McGuire, 1974/1976, p. 92). Dessa forma, como podemos concluir, o Gradiva de Freud não faz outra coisa senão ilustrar a partir de um romance ordinário tudo aquilo que já fora descoberto a partir da clínica psicanalítica, compondo assim uma obra de divulgação teórica.

Neste mesmo ano, 1907, Max Graf, doutor em letras, membro da Sociedade das Quartas-feiras e pai do pequeno Hans, retoma o problema da psicanálise aplicada na sessão de 11 de dezembro propondo uma metodologia para o estudo da psicologia dos escritores. Tal intervenção aparece como uma resposta ao trabalho de Isidor Sadger sobre o poeta e romancista suíço Konrad Meyer, o qual fora bastante criticado dentro da Sociedade. Graf afirma que a abordagem psicanalítica do escritor não pode ser confundida com uma “patografia” semelhante àquelas levadas a cabo por Cesare Lombroso, viés que segundo o autor norteava o trabalho de Sadger (Graf, citado por Nuremberg & Federn, 1962/1976, p. 276). Sustentando então um ponto de vista diferente, o homem de letras dirá que, em primeiro

lugar, a análise psicológica do artista não poderia estar comprometida com um ideal de saúde psíquica, devendo, além disso, ser empreendida por um sujeito muito sensível às artes. Em segundo lugar, deve o analista priorizar a obra do autor, sem depositar demasiada confiança no relato de terceiros ou mesmo em autobiografias, pois estas estariam marcadas pelo caráter tendencioso e pelos inevitáveis efeitos da resistência. Reportando-se às obras, Graf ainda afirma que o analista deve partir dos temas que se repetem na obra de um determinado autor, pois são estes retornos que o levarão para o coração do inconsciente.

Mostrando-se simpático às ideias de Graf, Freud afirma, ainda nessa sessão, que o estudo psicanalítico dos escritores criativos deve de fato ultrapassar as “patografias”, uma vez que priorizam o processo de criação, podendo apreender assim algo de novo. A partir do estudo dessa produção criativa seria então possível chegar a um perfil mais ou menos fiel do escritor e também da arte em geral. Avançando em relação ao seu trabalho sobre Gradiva, publicado meses antes, Freud (citado por Nuremberg & Federn, 1962/1976, p. 282) dá um exemplo desse método cruzando o romance em questão com dois outros escritos por Jensen: *O guarda-chuvas vermelho* (1892/2011) e *Na casa gótica* (1892/1999)<sup>3</sup>. Cabe lembrar que Freud chegou a trocar cartas com o autor questionando-o a respeito de alguns eventos pessoais, tentando assim apoiar as suas interpretações<sup>4</sup>. Um breve trabalho publicado por Otto Rank, *O artista* (1907), chamaria atenção para os mesmos problemas<sup>5</sup>.

Influenciado provavelmente por este debate, Freud afirmaria em um pós-escrito à análise da obra de Jensen, datado de 1912, que a investigação psicanalítica deveria não apenas procurar no trabalho de escritores criativos “uma confirmação das descobertas feitas em seres humanos neuróticos banais”, mas também “conhecer o material de lembranças e impressões no qual o autor baseou a obra, e os métodos e processos pelos quais converteu esse material em obra de arte” (Freud, 1912/1996h, p.87). Neste meio tempo, uma série de outros trabalhos foi publicada seguindo esta proposta metodológica (Hitschmann, 1911/1913, p. 142).

A partir desse momento, passando pela afirmação explícita no pós-escrito do Gradiva, datado de 1912, Freud parece sugerir que o estudo das realizações artísticas, aliadas à investigação das lembranças e impressões nas quais o autor se baseou, poderia levar a resultados semelhantes àqueles obtidos pelas pesquisas que tinham lugar na clínica. Tal como o fenômeno onírico e os devaneios, a obra de arte poderia ser então estudada enquanto expressão do inconsciente, pois ambos estariam fundados no solo comum

3 Ambos são também citados por Freud na segunda edição da sua leitura sobre o Gradiva (1912/1996h, p. 87). “Der rote Schirm” e “Im gotischen Hause” foram publicados em 1892 e compõem a obra Übermächte. Zwei Novellen.

4 Tais cartas foram publicadas em *Drei unveröffentlichte Briefe* (1929, p. 207), na revista *Psychoanalytische Bewegung* e não confirmam completamente as suposições de Freud.

5 A este propósito ver Hitschmann (1911/1913, p. 145) e Freud (1914/1996l, p. 45).

da fantasia. Um argumento como este já havia sido sustentado poucos dias antes da reunião em que Graf faria a sua comunicação à Sociedade, em 6 de dezembro, na conferência *Escritores criativos e devaneio* (Freud, 1908/1996d), realizada nos salões do editor e livreiro Hugo Heller, que também frequentava a reunião das quartas-feiras.

Sem dúvida, o texto de Leonardo, que conta com o estudo de biografias, de algumas das suas obras e também de lembranças pessoais, inscrevia-se nesse projeto de produzir conhecimento a partir de um contexto extraclínico. Nesse sentido, a noção clássica de aplicação, antes em vigor, daria lugar a uma forma diferente de aplicação. Agora não era mais o caso de aplicar diretamente a teoria ao objeto de estudo, mas sim de aplicar o método de investigação psicanalítico a esse mesmo objeto. Ou seja, a hipótese do inconsciente deixaria de ser pensada unicamente nos termos de uma teoria a ser aplicada ao campo das humanidades, passando então a definir o próprio método que sustentaria tal aplicação da psicanálise. A extensão do método a objetos extraclínicos, e não só da teoria, teve assim a chancela de Freud.

O aparecimento da revista *Imago*, que ganharia a sua primeira edição em 1912, é a concretização desse projeto. O artigo que abre a revista vem a ser justamente uma espécie de manifesto escrito por Rank e Hans Sachs (1912b) em defesa da pertinência do estudo psicanalítico das mais variadas realizações humanas. Partindo do princípio de que essas realizações, assim como os sonhos e os devaneios, estariam amparadas pela fantasia, seria justo dirigir-lhes o mesmo estudo sistemático antes dirigido aos sonhos e aos devaneios pelo psicanalista clínico. Um ano mais tarde, Rank e Sachs publicariam um trabalho mais extenso abordando a mesma problemática da aplicação da pesquisa psicanalítica às humanidades: *A importância da psicanálise para as humanidades* (1913). De início, Freud mostrou-se animado com o potencial do periódico. Sabemos pela correspondência com Jung que o psicanalista ansiava por novas contribuições nessa área já há alguns anos. Em carta datada de 19 de dezembro de 1909, ele afirma: “anseio por mitólogos, linguistas e historiadores da religião; caso não venham em nossa ajuda, teremos de nos arranjar sozininhos” (Freud, 1909, citado por McGuire, 1974/1976, p. 330).

Posteriormente, porém, Freud acaba chegando à conclusão de que nem todos os trabalhos publicados sob a égide da psicanálise aplicada eram capazes de seguir o rigor metodológico esperado. Em correspondência com Karl Abraham em 6 de abril de 1914, o psicanalista de Viena questionaria o valor do seu *Moisés de Michelangelo*, publicado anonimamente no terceiro volume da *Imago*, e criticaria o caráter diletante de boa parte das obras publicadas nessa revista: “O Moisés é anônimo em parte por gracejo, em parte por vergonha do amadorismo óbvio e dificilmente evitado nos artigos da *Imago* e, finalmente, porque minhas dúvidas sobre os achados são mais fortes do que o normal” (Freud, 1914, citado por Faltzeder, 2002, p. 228, tradução nossa). Podemos considerar Abraham aqui como um correspondente privilegiado no que diz

respeito ao debate sobre a psicanálise aplicada, uma vez que o seu estudo comparativo entre os sonhos e os mitos (1909a/2000), assim como os seus ensaios sobre Giovanni Segantini (1911/2000c) e Amenhotep IV (1912/2000d), foram bastante elogiados por Freud e no interior do movimento psicanalítico.

Ao que tudo indica, a desconfiança dirigida ao valor dos achados nesses estudos aplicados tinha alguma relação com a arbitrariedade envolvida na eleição e na interpretação desses mesmos achados. Diferente de uma psicanálise clínica, uma psicanálise aplicada às artes e aos artistas, ainda que contasse com um grande material de consulta, estaria sempre limitada à observação de uma obra muda. Nesse sentido, uma pesquisa dita aplicada, ainda que rigorosa, poderia facilmente mergulhar em uma cadeia especulativa sem fim, visto que uma investigação desse tipo não permitiria a mesma interação encontrada na clínica entre um analista e um paciente capazes de falar e escutar.

O Moisés de Michelangelo, apontado por Freud, é de fato um bom exemplo desse mergulho especulativo ao qual nos referimos. Nesse artigo, o autor busca traduzir em palavras a “intenção do artista” Michelangelo a partir da observação de uma de suas obras, a escultura de Moisés (Freud, 1914/1996m, p. 217). O autor inicia com uma revisão da literatura recente que já se ocupava dessa mesma tarefa. Em seguida, propõe um método de observação muito particular, o qual, embora tivesse nascido no contexto das artes com o objetivo de descobrir falsificações, parecia possuir alguma semelhança com a investigação psicanalítica. Tal método visava justamente os detalhes que passavam despercebidos pelos grandes críticos, como o contorno das unhas, das orelhas etc., razão pela qual encontraria paralelo na técnica da psicanálise, que também privilegiava detalhes da vida psíquica normalmente desprezados. Com esse procedimento em mente, o psicanalista concentra então a sua observação em dois detalhes menores da escultura, “a postura da mão direita” de Moisés e a “posição das duas tábuas da Lei” (p. 228). Logo em seguida, depois de tecer alguns comentários, se questiona: “terão essas minúcias [detalhes da obra] alguma significação na realidade ou estaremos quebrando a cabeça com coisas que não foram de importância para o seu criador?” (Freud, 1914/1996m, p. 229, grifo nosso). Por fim, ao cabo da sua análise e chamando atenção para os esforços de outro intérprete, afirmaria:

Mas, e se ambos nos tivermos extraviado por um caminho errado? Se houvermos tomado de maneira demasiado séria e profunda uma visão de detalhes que nada são para o artista, detalhes que introduziu de modo inteiramente arbitrário ou por razões puramente formais, sem nenhuma intenção oculta por trás deles? Se houvermos partilhado o destino de tantos intérpretes que pensaram perceber muito claramente coisas que o artista não pretendeu, nem consciente, nem inconscientemente? Não posso dizer. (p. 239)

Outro exemplo muito interessante desse perigo especulativo pode ser encontrado na leitura que Freud faz de Leonardo da Vinci. A respeito dessa investigação, baseada em uma lembrança de infância encontrada no caderno do artista, Freud busca estabelecer, assim como o faria no Moisés, uma ponte entre os “métodos” de exploração da psicanálise pura e aqueles da psicanálise aplicada. Partindo desse princípio, o psicanalista propunha: “Como hoje contamos nas técnicas da psicanálise com excelentes métodos que nos ajudam a trazer para a superfície esses elementos ocultos, podemos tentar preencher a lacuna que existe na história da vida de Leonardo analisando a sua fantasia infantil” (Freud, 1910/1989b, p. 79). A análise dessa fantasia seria feita, portanto, da mesma forma que um psicanalista clínico analisaria um sonho ou um lapso, levando em conta, segundo o protocolo de Graf, informações colhidas das obras do artista e de fontes biográficas diversas.

No entanto, nesse caso, diferente do que ocorreu com Michelangelo, a certeza de tal *extravio por um caminho errado* – mencionado na análise de seu compatriota florentino – que faria desmoronar toda uma estrutura argumentativa, parece ter se confirmado.

Em seu trabalho, por conta de um mal-entendido que veio se revelar somente décadas mais tarde, Freud apoiou uma parte significativa da sua argumentação no conteúdo de uma lembrança que, a rigor, nunca existiu. Com base em dados biográficos, fornecidos pelo próprio Leonardo, o psicanalista afirmara que, quando criança, o artista fora fustigado na altura dos lábios por um abutre, pássaro este ligado a uma dupla significação. Por um lado, enquanto imagem, vinha representar a *mãe* na mitologia egípcia; por outro, enquanto animal, povoava o imaginário renascentista como uma *fêmea* reprodutora capaz de procriar sem a ajuda de um macho. Posto isso e considerando o fato de Leonardo ter sido provavelmente criado apenas pela mãe até os seus 5 anos de idade, Freud infere a existência de uma forte identificação do artista para com esta mãe, o que consequentemente o levaria a uma escolha de objeto homossexual. Por fim, tal seria o argumento intermediário capaz de confirmar a hipótese proferida no início do artigo, segundo a qual o gênio florentino teria desenvolvido um “poderoso instinto de pesquisa” como resultado de sua homossexualidade sublimada (Freud, 1910/1989b, p. 74).

De acordo com pesquisas desenvolvidas nos anos 1950, porém, chegou-se à conclusão de que o pássaro em questão, presente nos arquivos biográficos de Leonardo a que Freud teve acesso, era um *milhafre* e não um *abutre*; revelando, portanto, que o psicanalista e toda a sua construção fabulosa em torno de Leonardo fora vítima de um erro de tradução. A tradução alemã dos cadernos de Leonardo a que Freud teve acesso trazia o termo *Geier* (abutre) como tradução para a palavra italiana *Nibbio*, a qual vem designar outro pássaro, o milhafre (Freud, 1910/1989b, pp. 76-7n).

No entanto, é notável que, a despeito desse *erro*, a estrutura especialmente complexa e o encadeamento lógico do artigo publicado em 1910 permanecem sólidos. A

pertinência do argumento, contudo, mostra-se duvidosa, pois um milhafre não é um abutre e, ainda que também pudesse representar a mãe no contexto de uma fantasia infantil, não seria capaz de engendrar toda a simbologia evocada a partir do abutre. Nesse sentido, seria possível supor que, se Freud tivesse atentado para o termo presente no texto de Leonardo em sua versão original, teria chegado a conclusões diferentes. Essas conclusões seriam, no entanto, igualmente válidas, caso o texto apresentasse a mesma coerência, o que poderia nos levar a pensar que o critério de verdade envolvido em uma interpretação feita em pesquisas aplicadas dessa espécie dependeria mais da consistência interna dos argumentos do que da relação da interpretação com o caso concreto.

Se fosse assim, a especulação, desde que bem articulada, não encontraria qualquer entrave, permitindo inclusive a introdução de elementos novos que supostamente seriam capazes de confirmar os velhos argumentos. Tomando este artigo como exemplo, podemos atentar para as contribuições posteriores de Oskar Pfister que, em 1913, publicaria um trabalho no qual a obra de Leonardo, ao lado de outros exemplos, é interpretada como uma “criptografia” inconscientemente determinada (Pfister, 1913/1970, pp. 147-8). Neste texto, ele “confirmaria” a influência do abutre a partir da observação do contorno das vestes de Maria na obra *A Virgem e o Menino com Santa Ana* deixada inacabada pelo artista em 1519, ano de sua morte. Estes contornos seriam os contornos do próprio abutre que teria a sua cauda voltada para os lábios do menino Jesus, personagem que representaria Leonardo sendo fustigado pela ave.

Ao trabalhar com um personagem histórico, como é o caso de Leonardo da Vinci, esta é uma limitação óbvia. Porém, ainda assim, não deixa de apontar para um obstáculo que irá perpassar boa parte dos estudos ditos aplicados em psicanálise. Freud claramente tinha consciência disso e, assim como fez em sua análise de Michelangelo, se retrataria na parte final do texto com as seguintes palavras:

Ainda que o material histórico de que dispomos fosse muito abundante e os mecanismos psíquicos pudessem ser usados com a máxima segurança, existem dois pontos importantes onde uma pesquisa psicanalítica não nos consegue explicar por que razão é tão inevitável que a personagem estudada tenha seguido exatamente essa direção e não outra qualquer . . . Temos de reconhecer aqui uma margem de liberdade que não pode mais ser resolvida pela psicanálise. (Freud, 1910/1989b, p. 122)

Não há dúvidas de que essa margem de erro, apontada pelo psicanalista, também se mostra presente em uma psicanálise clínica. Porém, diferente do que ocorre em uma psicanálise aplicada, a interpretação que tem lugar na clínica pode ser avaliada por outros critérios e não apenas pela coerência interna do argumento que acompanha a intervenção. Uma interpretação em análise não está aberta

a todos os sentidos, razão pela qual os resultados de uma intervenção não vêm necessariamente atender às expectativas do analista, salvo os casos em que se opera uma sugestão. O analista não pode guiar suas intervenções seguindo aquilo que se mostra mais conveniente, conveniência que, em pesquisas aplicadas, poderia vir inevitavelmente a guiar o mais idôneo dos analistas.

Nesse sentido, podemos entender que a aplicação da psicanálise como um meio de produzir conhecimento não pode ser vista como um procedimento indubitável, muito embora possa ser realizada de maneira não desavisada. Os detalhes em mármore do Moisés de Michelangelo, ainda que possam revelar algo a respeito do seu criador, são mudos e não se comparam com a vivacidade de um lapso a que o psicanalista tem acesso na clínica. Contrariamente, o reconhecimento de conceitos psicanalíticos em um contexto aplicado, seja ele uma obra de arte, um mito ou uma biografia, pode ser um instrumento para a transmissão da psicanálise, ilustrando em meio a uma natureza morta aquilo que poderia ser o caso em sujeitos falantes.

## **Conclusão**

Embora seja incontestável a convocação por parte de Freud para que as aplicações da psicanálise viessem a ser expandidas além do seu campo de origem, o mesmo autor identifica os pontos por onde passaria a questão relativa à autenticação desse procedimento. Em resumo, podemos dizer que os dois problemas fundamentalmente reiterados por ele dizem respeito, por um lado, à questão do *rigor* e, por outro, à questão do *valor*.

No que se refere à primeira, fica claro que, ao pensar no rigor metodológico desses trabalhos, Freud aponta para algo que ultrapassa a mera verificação da consistência teórica dos mesmos, algo que parece não ser acessível senão a partir de uma experiência muito particular. Nesses termos, a aplicação da hipótese do inconsciente, que se encontra no cerne dessa extensão do domínio da psicanálise ao campo das humanidades, encontraria limitações incontornáveis quando realizada em um contexto em que o sujeito falante dá lugar a um objeto inanimado. Nesses casos, a projeção ocupa o lugar da transferência e o inconsciente dá lugar à resistência, situação que acaba levando o analista ao obscuro campo da interpretação do sentido. É por essa razão que um procedimento como este envolveria sempre os riscos da arbitrariedade, da especulação e do dilettantismo, quer dizer, por deixar de colocar o inconsciente verdadeiramente em cena.

De acordo com o procedimento proposto por Graf para a aplicação da psicanálise às obras literárias, o analista

deve partir do que se repete na obra de determinado autor, pois será por meio da análise dessa repetição que o intérprete poderá chegar ao inconsciente. De fato, como veio a destacar posteriormente Lacan, é nessa repetição que Freud apoiou a sua certeza a respeito do inconsciente: “a função do retorno, *Wiederkehr*, é essencial. . . . a constituição mesma do campo do inconsciente se garante pelo *Wiederkehr*” (Lacan, 1964/1988, p. 50). Ele acrescenta, no entanto, que Freud “não teria podido ir avante com essa aposta de certeza se não tivesse sido guiado, como os textos nos atestam, por sua autoanálise”. Isso poderia ser dito em relação à experiência de Freud com a clínica da histeria, experiência que levaria o neuropatologista vienense à descoberta da transferência e da repetição que marcaria as formações do inconsciente. Foi, portanto, tomando o inconsciente em ato, e não como uma abstração teórica a ser aplicada, que a experiência psicanalítica pôde se organizar. Tal apontamento corrobora a ideia de que o rigor, no que concerne ao inconsciente, vincula-se mais à relação do pesquisador com a experiência analítica do que à dimensão técnica da pesquisa empreendida.

Em vista disso, passando agora para a segunda questão anunciada, o que avalia os trabalhos de psicanálise aplicada, como constatado, por exemplo, no estudo sobre Gradiva, é seu valor de transmissão. A partir deles o psicanalista pode expor não só a teoria psicanalítica em um contexto fictício, como também ilustrar a dinâmica do trabalho psicanalítico a partir de uma realidade simplificada. Nunca saberemos se a interpretação dos sonhos e dos delírios de Norbert Hanold é ou não correta. Ainda assim, a exposição desses sonhos e delírios, assim como o trabalho de análise realizado em torno deles, pode se mostrar instrutivo, revelando-se como uma espécie de alegoria do trabalho analítico.

O valor de transmissão desses trabalhos se encontra, portanto, condicionado ao emissor, quer dizer, à experiência analítica que o sustenta, mas também ao receptor: a comunidade que virá validar ou não o valor de transmissão da obra em questão. Nesse sentido, se retomamos a última referência feita do texto sobre Leonardo, podemos entender que o encontro com o tal *erro de tradução* não seria capaz por si só de desqualificar a análise biográfica de Freud, na medida em que o seu valor de transmissão permaneceria inalterado, ainda que o seu valor em termos biográficos esteja de fato comprometido. Além disso, o encontro com *uma margem não resolvida pela psicanálise*, no lugar de desqualificar sua aplicação, a autentica. Isso porque a exploração da hipótese do inconsciente, no sentido estrito ou lato da investigação psicanalítica, conduz justamente a um limite que diz respeito ao real que a distingue de uma deriva especulativa.

## **The notion of applied psychoanalysis in the early years of the psychoanalytic movement**

**Abstract:** Taking into account the introduction of psychoanalysis in the scientific context of the second half of the 19<sup>th</sup> century, this article aims to discuss the notion of applied psychoanalysis that was supported by Freud and his peers in the first years of

the psychoanalytic movement. To do so, some essays that are considered by the movement as *applied* will be referred to, and so will some contributions of methodological nature, all of them published in this early period of psychoanalysis history. It should be said that, in this article, the study of primary sources in connection with the related discussion will be given priority.

**Keywords:** applied psychoanalysis, psychoanalytic method, history of psychoanalysis.

### **La notion de psychanalyse appliquée dans les premières années du mouvement psychanalytique**

**Résumé:** En tenant compte de l'inclusion de la psychanalyse dans le contexte scientifique de la seconde moitié du XIXème siècle, l'objectif de cet article est de discuter la notion de psychanalyse appliquée soutenue par Freud et ses pairs dans les premières années du mouvement psychanalytique. À cette fin, ils seront consultés les travaux considérés par le mouvement psychanalytique comme *appliqués*, ainsi que des contributions de nature méthodologique, tous publiés au cours de cette période initiale de l'histoire de la psychanalyse. On remarque que cet article donnera la priorité à l'étude des sources primaires liées au débat en question.

**Mots-clés:** psychanalyse appliquée, méthode psychanalytique, histoire de la psychanalyse.

### **La noción de psicoanálisis aplicado en los primeros años del movimiento psicoanalítico**

**Resumen:** Teniendo en cuenta la inserción del psicoanálisis en el contexto científico de la segunda mitad del siglo XIX, este artículo tiene el propósito de discutir la noción de psicoanálisis aplicado iniciada, desde principios del siglo XX, por Freud y sus colegas en los primeros años del movimiento psicoanalítico. Para ello se consultarán los trabajos considerados como *aplicados* por dicho movimiento y algunos aportes de carácter metodológico, todos publicados durante este período inicial de la historia del psicoanálisis. Este artículo dará prioridad al estudio de las fuentes primarias relacionadas con el debate en cuestión.

**Palabras clave:** psicoanálisis aplicado, método psicoanalítico, historia del psicoanálisis.

## **Referências**

- Abraham, K. (2000a). Rêve et mythe. In K. Abraham, *Œuvres complètes* (I. Barande, trad., Vol. 1, 1907-1914, pp. 68-118). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1909)
- Abraham, K. (2000b). Mariage entre personnes apparentées et psychologie des névroses. In K. Abraham, *Œuvres complètes* (I. Barande, trad., Vol. 1, 1907-1914, pp. 61-67). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1909)
- Abraham, K. (2000c). Giovanni Segantini. Essai psychanalytique. In K. Abraham, *Œuvres complètes* (I. Barande, trad., Vol. 1, 1907-1914, pp. 161-211). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1911)
- Abraham, K. (2000d). Amenhotep IV (Echnaton). Contribution psychanalytique à l'étude de la personnalité et culte monothéiste d'Aton. In K. Abraham, *Œuvres complètes* (I. Barande, trad., Vol. 1, 1907-1914, pp. 232-256). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1912)
- Bernard, C. (1966). *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*. Paris: Garnier-Flammarion. (Trabalho original publicado em 1865)
- Chrevreul, E. (1866). *Introduction à l'histoire des connaissances chimiques*. Paris: L. Guérin et Cie.
- Comte, A. (1936). *Cours de philosophie positive: 1<sup>er</sup> et 2<sup>e</sup> leçons*. Paris: Librairie Larousse. (Trabalho original apresentado em 1830)
- Falzeder, E. (2002). *The complete correspondence of Sigmund Freud and Karl Abraham: 1907-1925*. Londres: Karnac Books.
- Ferenczi, S. (2011a). Do alcance da ejaculação precoce. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Á. Cabral, trad., Vol. 1, pp. 1-4). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1908)
- Ferenczi, S. (2011b). Interpretação e tratamento psicanalítico da impotência psicossexual. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Á. Cabral, trad., Vol. 1, pp. 25-38). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1908)
- Ferenczi, S. (2011c). Transferência e introjeção. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Á. Cabral, trad., Vol. 1, pp. 87-123). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Ferenczi, S. (2011d). Sobre a história do movimento psicanalítico. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Á. Cabral, trad., Vol. 1, pp. 167-177). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1910)
- Ferenczi, S. (2011e). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In S. Ferenczi, *Obras Completas* (Á. Cabral, trad., Vol. 3, pp. 1-8). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1989a). O método psicanalítico de Freud. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas*

- Completas de Sigmund Freud* (V. Ribeiro, trad., Vol. 7, pp. 233-238). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1904)
- Freud, S. (1989b). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 59-124). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1989c). Perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 127-136). Rio de Janeiro, SP: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1996a). A psicoterapia da histeria. Estudo sobre a histéria. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (C. M. Oiticica & V. Ribeiro, trad., Vol 2, pp. 271-316). Rio de Janeiro, SP: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1996b). Prospecto para *Schriften zur Angewandten Seelenkunde*. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, trad., Vol. 9, pp. 227-227). Rio de Janeiro, SP: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (1996c). Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, trad., Vol. 9, pp. 19-85). Rio de Janeiro, SP: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (1996d). Escritores criativos e devaneio. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, trad., Vol. 9, pp. 135-143). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1996e). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 10, pp. 13-156). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1996f). Notas sobre um caso de Neurose Obsessiva. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 10, pp. 139-215). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1996g). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 13-89). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996h). Pós-escrito ao delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, trad., Vol. 9, pp. 87-88). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1996i). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Ó. Carneiro Muniz, trad., Vol. 13, pp. 21-162). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996j). O interesse científico da psicanálise. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Ó. Carneiro Muniz, trad., Vol. 13, pp. 169-191). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996k). Narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (T. de O. Brito, P. H. Britto & C. M. Oiticica, trad., Vol. 14, pp. 81-108). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996l). A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (T. de O. Brito, P. H. Britto & C. M. Oiticica, trad., Vol. 14, pp. 18-73). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996m). O Moisés de Michelangelo. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (T. de O. Brito, P. H. Britto & C. M. Oiticica, trad., Vol. 14, pp. 217-239). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996n). Linhas de progresso na terapêutica psicanalítica. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (E. A. Macieira de Souza, trad., Vol. 17, pp. 171-181). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1996o). O ensino da psicanálise nas universidades. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (E. A. Macieira de Souza, trad., Vol. 17, pp. 187-189). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1996p). Mal estar na civilização. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 67-150). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Hitschmann, E. (1913). *Freuds Theories of Neurosis*. New York: The Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company. (Trabalho original publicado em 1911)
- Jensen, W. (1929). Drei unveröffentlichte Briefe. *Die psychoanalytische Bewegung*, 1(3), 207-211.
- Jensen, W. (1987). *Uma fantasia pompeiana*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1904)
- Jensen, W. (1999). *Dans la maison gothique*. Paris: Gallimard. (Trabalho publicado originalmente em 1892)
- Jensen, W. (2011). *L'Ombrelle rouge*. Paris: Édition Imago. (Trabalho publicado originalmente em 1892)
- Jones, E. (1911). Das problem des hamlet und der Ödipuskomplex. *Schriften zur angewandten Seelenkunde*, v. X. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.

- Jung, C. G. (1970). Vorbemerkung der Redaktion (1909). *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, 1 (1).
- Jung, C. G. (1986). A psicologia da demência precoce: um ensaio. In C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (M. de Sá Cavalcanti, trad., Vol. 3, pp. 1-137). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1907)
- Jung, C. G. (1997). Psicanálise e o experimento de associações. Estudos diagnósticos de associações. In C. G. Jung, *Obras Completas de C. G. Jung* (E. Orth, trad., Vol. 2, pp. 309-332). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1906)
- Koyré, A. (1986). *Galileu e Platão*. Lisboa: Gradiva. (Trabalho original publicado em 1943)
- Lacan, J. (1988). *O seminário. Livro XI*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2007). *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1952)
- Maeder, A. (1910). Psychologische Untersuchungen an Dementia praecox-Kranken. *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, 2(1), 185-245.
- McGuire, W. (1976). *Freud/Jung. Correspondência completa*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1974)
- Nuremberg, H. Federn, E. (1976). *Les premiers psychanalystes. Minutes de la Société psychanalytique de Vienne*, Vol. 1, 1906-1908. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1962)
- Pfister, O. (1970). Kryptolalie, Kryptographie und unbewußtes Vexierbild bei Normalen. *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, 5(1), 117-156. (Trabalho original publicado em 1913)
- Pitres, A. & Regis, E. (1897). Séméiologie des obsessions et idées fixes. *XII congrès International de Médecine, Moscou (Aout 1897)*. Bordeaux: G. Gounouilhou.
- Rank, O. (1907). *Der Künstler*. Wien und Leipzig: Hugo Heller & Cie.
- Rank, O. & Sachs, H. (1912a). Prospekt. *Imago. Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften*, 1(1).
- Rank, O. & Sachs, H. (1912b). Entwicklung und Ansprüche der Psychoanalyse. *Imago. Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften*, 1(1), 1-16.
- Rank, O. & Sachs, H. (1913). *Die Bedeutung der Psychoanalyse für die Geisteswissenschaften*. Wiesbaden: J. F. Bergmann.
- Sadger, I. (1964). Ist das Asthma bronchiale eine Sexualneurose? *Zentralblatt für Psychoanalyse. Medizinische Monatsschrift für Seelenkunde*, 1(5), 200-213. (Trabalho original publicado em 1911)
- Stekel, W. (1964a). An unsere Leser! *Zentralblatt für Psychoanalyse. Medizinische Monatsschrift für Seelenkunde*, 1(1). (Trabalho original publicado em 1911)
- Stekel, W. (1964b). Die psychische Behandlung der Epilepsie. *Zentralblatt für Psychoanalyse. Medizinische Monatsschrift für Seelenkunde*, 1(5), 220-234. (Trabalho original publicado em 1911)

Recebido: 17/02/2014

Revisado: 08/10/2014

12/12/2015

Aprovado: 06/03/2015